

DIALOGOS INTERLOCUTURAS E MEDIAÇÕES POLÍTICAS

THAINARA PEREIRA DE SOUZA¹; ROSANE APARECIDA RUBERT²

¹Universidade Federal de Pelotas – jubiarahelena@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – rosanerubert@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta algumas ações do projeto “Diálogos interculturais e mediações políticas: contribuições para o bem-viver”, o qual procura estabelecer diálogo entre as áreas das Ciências Sociais e diferentes segmentos da sociedade. Este projeto se propõe a dar continuidade às ações desenvolvidas em dois outros projetos anteriores: “Etnodesenvolvimento e direitos culturais em comunidades quilombolas e indígenas” e “Clube Fica Ahi: valorização e reconhecimento do associativismo negro pelotense”. Mas, por outro lado, busca estabelecer uma relação mais expansiva em relação a outros segmentos da sociedade, que os dois projetos anteriores não abarcavam, como organizações comunitárias e movimentos sociais urbanos, além de instituições direcionadas a políticas sociais e culturais.

Dentre os objetivos do projeto, está a continuidade das relações com os grupos de artesãs quilombolas Maçambique, de Canguçu, e Raízes Negras, este da comunidade Nicanor da Luz, de Piratini. Essa assessoria consiste no diálogo com as artesãs sobre os processos de produção de artesanato, acesso à matérias-primas, e, principalmente, a organização de feiras com vistas à comercialização.

Outra ação desencadeada pelo projeto foi a construção de ações para uma educação antirracista em uma escola estadual de Pelotas, o qual demandou várias reuniões, buscando a inclusão de diversas pessoas da sociedade civil no projeto como músicos, trançistas, dançarinos, professores do IFSUL e membros conhecidos da comunidade pelotense. Essas ações, pela sua especificidade, resultaram na elaboração de outro projeto de extensão, intitulado “Relações Étnico-Raciais nas Escolas”.

Enquanto proposta aos diálogos interculturais, o projeto busca a realização de uma troca de saberes entre a universidade e esses diferentes grupos, mirando uma descolonização de conhecimentos e diferentes perspectivas interculturais, buscando romper com uma perspectiva colonialista e hierarquizadora das diferenças. Segundo Carvalho (2019, p. 91),

Com a grade aberta, que é o Encontro de saberes, os contracolônizadores podem finalmente atuar, na medida em que eles têm o elemento contracolônizador capaz de refundar a universidade brasileira: os saberes indígenas, quilombolas, afro-brasileiros, populares tradicionais etc. Nem pós-colonial nem decolonial, trata-se de construir a aliança descolonização-contracolônização.

2. METODOLOGIA

O projeto foi desenvolvido a partir de visitas às comunidades quilombolas, com a inserção em grupos focais, participando dos grupos de mulheres artesãs das comunidades, além disso, o projeto promove a venda desse artesanato em feiras

construídas por meio de parcerias com setores da própria universidade e outros fóruns da sociedade civil direcionados ao empreendedorismo negro. Essas feiras são montadas em diferentes eventos universitários, onde esse trabalho é apresentado a diversos grupos, é importante ressaltar a importância dessa colaboração entre as mulheres artesãs e os colaboradores. Entre os eventos em que a feira foi montada esse ano, estão o MUNDO UFPEL em dezessete de junho no campus do Instituto de ciências humanas da UFPEL o 2º Seminário Internacional de Extensão, Pesquisa e Educação para a Sustentabilidade entre os dias 16, 17 e 18 de agosto realizado no Centro de Artes da UFPEL, o 11º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional entre os dias 13, 14, e 15 de setembro no campus do Instituto de ciências humanas da UFPEL. A inserção da feira nesses eventos mostrou a diversas pessoas da comunidade de Pelotas e fora dela, e ao público universitário nacional e internacional, o artesanato dessas comunidades de maneira que traz o reconhecimento de diferentes públicos para o trabalho dessas mulheres.

Os estudantes da graduação ao contribuírem para o projeto não apenas tem oportunidade de auxiliar nas feiras, como também de conhecer pessoalmente as artesãs quilombolas. Em maio deste ano a coordenadora do projeto levou alguns colaboradores estudantes de graduação para o quilombo de Maçambique, onde puderam conhecer o grupo de mulheres artesãs e observar a confecção do artesanato para as feiras.

O projeto visa potencializar a autonomia dessas mulheres quilombolas, propondo um diálogo através de uma etnografia colaborativa. Esse projeto proporciona que os colaboradores tenham uma nova visão do que é ser quilombola e quebrem suas noções preconcebidas de cunho colonialista. Segundo Laure Garrabé (2022, p. 63), “Ora, para colaborar, trabalhar com ou para um coletivo não basta. Na antropologia, o projeto colaborativo se define pela co-teorização oriunda de práticas constantes de co-conceitualização (Rappaport, 2008) ao longo da pesquisa compartilhada”.

Para que se compreenda melhor a respeito das noções pré-concebidas de quilombos, cito Ilka Boa Ventura Leite, que afirma:

A noção de “remanescente”, como algo que já não existe ou em processo de desaparecimento, e também a de “quilombo”, como unidade fechada, igualitária e coesa, tornou-se extremamente restritiva. Mas foi principalmente porque a expressão não correspondia à autodenominação destes mesmos grupos, e por tratar-se de uma identidade ainda a ser politicamente construída, que suscitou tantos questionamentos. (LEITE, 2000, p. 341).

Além de promover uma etnografia colaborativa nos quilombos, o projeto buscou aplicar uma educação antirracista em uma escola estadual pelotense, há também nele uma vinculação aos quilombos, tendo em vista a precariedade de oficinas a respeito do tema, não apenas de quilombos mas de uma história negra brasileira, o que colabora para a reprodução de estereótipos colonialistas.

Mesmo antes, quando o modo de produção colonial sustentado pela mão-de-obra escrava já esboçava o seu completo esgotamento, chegando logo depois a um ponto de verdadeira saturação, o que era identificado como sendo 'negro' referia-se - mais do que isto, englobava - à experiência histórica dos africanos e seus descendentes, tratados nos séculos anteriores como sujeitos a-históricos, negados em sua condição de humanidade (LEITE, 2000, p. 342).

A maneira como a história retratou essas comunidades não necessariamente tem ligação a como eles próprios se definem, por isso é importante que se tenha essa etnografia colaborativa para que se ouça dessas pessoas o que elas têm a dizer de sua própria história, para então subsidiar ações pedagógicas em outros contextos, como o espaço escolar.

Tendo em vista os inúmeros assuntos que podem ser abordados por uma educação antirracista, este projeto visou o método de um conhecimento adquirido através de oficinas com temáticas diferentes, todas ligadas ao legado africano e afro-brasileiro. Dentre as oficinas estão: mostra de filmes, oficina de estética, de música, de dança, ciclos de conversas abordando temáticas étnico-raciais diversas.

O currículo básico de formação educacional brasileira falha ao apresentar uma história afro-brasileira, o projeto, então, além de propor essas oficinas, busca introduzir uma educação antirracista nesta escola. Não apenas o projeto propõe oficinas com os estudantes, como também reuniões com os professores da instituição, visando que essa educação antirracista, não se deve limitar apenas aos estudantes, afinal como afirma Nilma Lino Gomes,

O ato de falar sobre algum assunto ou tema na escola não é uma via de mão única. Ele implica resposta do “outro”, interpretações diferentes e confrontos de ideias. A introdução da Lei nº 10.639/03 – não como mais disciplinas e novos conteúdos, mas como uma mudança cultural e política no campo curricular e epistemológico – poderá romper com o silêncio e desvelar esse e outros rituais pedagógicos a favor da discriminação racial. (GOMES, 2012, p. 105).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os resultados do projeto está a retomada das relações com os grupos de artesãs quilombolas e realização das feiras de artesanato, que devido à pandemia estiveram paralisadas. A retomadas das mesmas, além de recomposição da auto-organização das próprias mulheres, implica a reconexão delas com eventos universitários e segmentos diversos da sociedade civil. A retomada das visitas de campo às comunidades quilombolas significa para os estudantes a possibilidade de conhecimento de uma realidade diferente, com todos os desafios que isso possa representar, tanto acadêmicos como ético-políticos.

Além do trabalho com as comunidades quilombolas, a equipe do projeto, ao se vincular à escola estadual em parceria com professores, Coordenadoria Regional de Educação, universidade e representantes da sociedade civil, se deparou com uma complexidade que necessitou um projeto específico - Relações Étnico-raciais nas Escolas. Ambos projetos, no entanto, serão operacionalizados de forma articulada. A articulação com esses colaboradores da sociedade civil permitiu que o projeto ganhasse formas incríveis, dotando-o de maior complexidade, sendo que toda essa articulação foi realizada por dentro do Projeto “Diálogos interculturais e mediações políticas”, o que demandou muito diálogo e esforços. Ambos projetos contribuem, com isso, para a constituição de uma cidadania pautada no direito à dignidade humana, que se manifesta em sua diversidade.

4. CONCLUSÕES

Como estudante do bacharelado em Antropologia na UFPEL, reconheço a importância desse projeto, não apenas para mim como estudante, mas à toda a sociedade civil, ele não se limita apenas ao âmbito universitário porque fornece a troca de diálogos entre os diferentes coletivos da sociedade. O projeto proporciona novas abordagens relacionadas à aplicação do método etnográfico, e proporcionou a mim, como estudante aprender sobre possíveis espaços de inserção profissional, e construir relações com diferentes colaboradores, tendo em vista o impacto em vários setores da sociedade civil.

Ao propor a uma colaboração com uma escola na cidade de Pelotas, o projeto abriu portas para uma mudança significativa na educação, agregando diferentes conhecimentos e experiências. Como estudante tenho orgulho de ter participado de um projeto com imenso impacto a sociedade como um todo, ao se relacionar com esses diferentes grupos, estimo que terei um enriquecimento muito grande.

O projeto, além dos fatos citados a cima, ao movimentar esses diferentes grupos da sociedade civil proporcionou que eu, como estudante, tivesse contato com diferentes grupos, como membros de comunidades quilombolas, artistas, membros do ativismo negro pelotense e representantes de organizações não-governamentais e instituições públicas. Minha inserção ao projeto como bolsista também possibilitou trabalhos de campo de extrema relevância, bem como as viagens às comunidades quilombolas e as idas a escola, e as feiras de artesanato possibilitando uma experiência de campo riquíssima, pelo diálogo com as pessoas que vem conversar sobre a realidade das artesãs.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, José Jorge de. Encontro de Saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. (orgs.).

Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 79-106.

GARRABÉ, Laure. Sobre a realidade da colaboração nas metodologias colaborativas em Antropologia. **Revista Antropológicas**, v. 33, n. 1, p. 61-95. Porto, 2022.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo Sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012.

LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Etnográfica**, v. 4, n. 2, p. 333–354. Lisboa, 2000.

MARQUES, Carlos Eduardo; GOMES, Lilian. A Constituição de 1988 e a resignificação dos quilombos contemporâneos limites e potencialidades. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 81, p. 137–153. São Paulo, 2013.